

# Uma semana no Sal

## Concepção de espaço exterior público em Cabo Verde.

Jorge Cancela

Arquitecto-paisagista, Professor Auxiliar Convidado da F.A.U.T.L.  
jorgecancela@biodesign.pt

### 1. Linhas no Currículo

Inícios de 2008. Aulas de Arquitectura-paisagista, cursos de Arquitectura da Gestão Urbanística (AGU) e Arquitectura do Planeamento Urbano e Territorial (APUT). Estuda-se a relação coevolutiva do homem com o território na criação de paisagens culturais.

No final da aula, a propósito de avaliações, fala-se da importância de ter linhas no currículo, que passem para lá das notas das cadeiras.

Desportistas, bird-watchers, escuteiros, voluntários, foi o tema da conversa. Paixões, valores e interesses, que a vida aos 20 anos é também uma experiência de acreditar, fazer e se possível, servir.

E ir até Cabo Verde quando acabarem as avaliações semestrais? Uma semana na Ilha do Sal, trabalho de concepção de espaço público, que os recursos técnicos locais são bons, mas não são muitos, para tantas solicitações. Aprendia-se, viajava-se para outra realidade, abriam-se experiências, ajudava-se; vamos?

Cerca de 50 alunos nas duas turmas; pensei na altura que iriam 5.

Foram 5 vezes mais.

### 2. Preparação I. Elementos Geográficos Essenciais sobre Cabo Verde e a Ilha do Sal

Entre o desafio e a ida, alguma preparação de base se tornava necessária, em particular a de compreensão de uma realidade geográfica, física e humana muito diferente da de Portugal Continental. Sessões de trabalho foram agendadas. Informação como a que se segue, transmitida.

O Arquipélago de Cabo Verde compõe-se de 10 ilhas, 9 das quais habitadas (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava) e uma deserta (Santa Luzia) em pleno Oceano Atlântico, entre os paralelos 15 e 17 de latitude norte, afastadas entre 460 e 830 km da costa senegalesa.

Com uma área total de 4.033 km<sup>2</sup>, a sua Zona Económica Exclusiva é de 700.000 km<sup>2</sup> (as de Portugal são respectivamente de 92.391 e de 1.727.000 km<sup>2</sup>)

Pertence, juntamente com os Açores, a Madeira, as Selvagens e as Canárias, a um conjunto de Arquipélagos existentes no Atlântico Norte e Central designado por Macaronésia.

O arquipélago de Cabo Verde, tal como a restante Macaronésia é constituído por ilhas resultantes de actividade vulcânica, por empilhamento de materiais lávicos emitidos no decurso de milhares de erupções.



As ilhas mais montanhosas do Arquipélago de Cabo Verde (Fogo, Santiago, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau e Brava) apresentam um relevo importante que tem como característica orográfica dominante a existência de cadeias montanhosas, notáveis aparelhos vulcânicos bem conservados, numerosos e extensos vales muito encaixados e profundos; contudo outras ilhas têm relevos muito aplanados de que são exemplo as ilhas de Maio, Boa Vista, Santa Luzia e Sal.

Climaticamente as ilhas de Cabo Verde apresentam características do tipo árido e semi-árido à semelhança dos restantes países africanos que fazem parte do Sahel. O clima do arquipélago caracteriza-se por uma estação seca de Dezembro a Junho, a que se segue outra de chuvas irregulares e que podem ser muito concentradas, num período mais quente de Julho a Novembro.

O arquipélago é afectado essencialmente por três tipos de massas de ar:

- Alísio de nordeste: sopra do Norte/nordeste, é seco e pode influenciar sobretudo as ilhas de Barlavento (Santo Antão, S.Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista).
- Monção do Atlântico Sul: vento quente e húmido que sopra do Sul, sudoeste e sudeste, provém das águas equatoriais e é responsável pelas precipitações em Cabo Verde.
- Harmatão: massa de ar continental muito quente e seco, proveniente do deserto do Sahara, especialmente de Outubro a Junho mas com pouca frequência e duração.

Para além das massas de ar, a precipitação e a humidade sofrem influências de outros factores, nomeadamente:

- Correntes marítimas: a norte do arquipélago, existe uma corrente fria (Corrente das Canárias) que não favorece a ocorrência de precipitações uma vez que a massa de ar proveniente do anticiclone dos Açores é arrefecida em contacto com o mar frio e faz com que o ar se torne estável, dificultando deste modo a formação de nuvens e, conseqüentemente, a ocorrência de chuvas.



- Latitude: é o factor responsável pela diferenciação das características climáticas das ilhas.

- Relevo: é o factor responsável pela diferenciação em andares bioclimáticos. Basta notar que o litoral é mais árido do que as zonas mais altas. Como exemplo, as ilhas orientais (Sal, Boavista e Maio), são mais planas e mais baixas e por conseguinte são mais áridas e desta forma, possuem andares áridos e semi-áridos, enquanto que as restantes ilhas tem uma variação climática que vai de semi-árido no litoral a húmido nas montanhas.

A ilha do Sal está situada entre os paralelos  $16^{\circ} 34'$  e  $16^{\circ} 61'$  N e os meridianos  $22^{\circ} 53'$  e  $23^{\circ} 01'$  Oeste de Greenwich. Faz parte do grupo das ilhas de Barlavento e, com as ilhas do Maio e da Boa Vista, é das mais próximas à costa africana.

O maior comprimento da Ilha é no sentido N/S numa extensão de 30 km entre a Ponta Norte, a Norte, e a Ponta Sinó, a Sul; a largura máxima é de 12 km entre a Ponta de Rabo de Junco, a Oeste, a Ponta do ilhéu do Chano, a Leste.

A superfície total da ilha é de 216 Km<sup>2</sup>. É a ilha mais plana do arquipélago, fruto de intensa erosão eólica, tendo como altitude máxima 406 metros, no Monte Grande. As ribeiras são pouco desenvolvidas, de curso temporário.

Dada a sua origem vulcânica, a ilha é formada essencialmente por escoadas e piroclastos basálticos. Em menor percentagem afloram sienitos, gabros e dioritos. Entre as rochas sedimentares boa representatividade de calcários e areias.



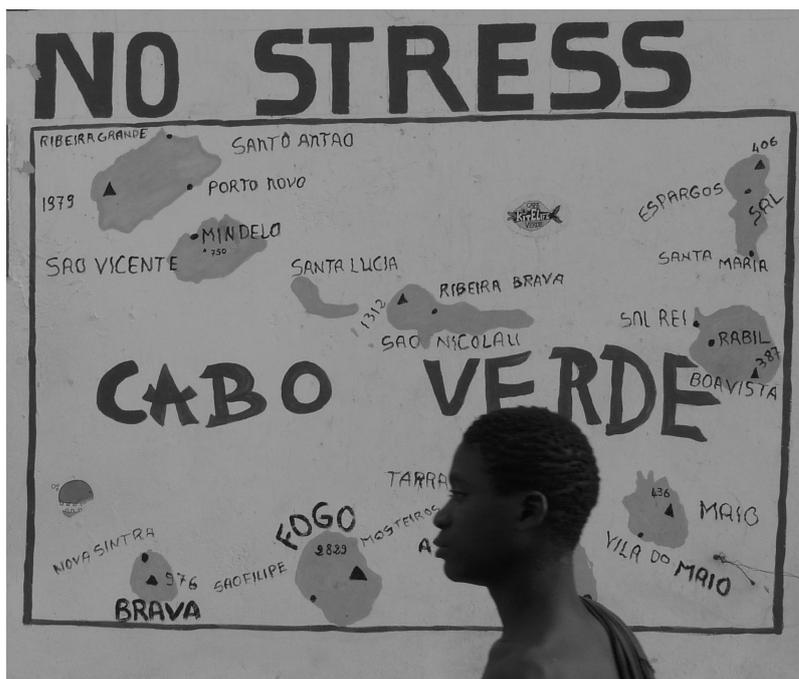
A ilha do Sal é uma das mais áridas do Arquipélago. Durante quase todo o ano está sob a influência dos ventos alísios do hemisfério Norte, sendo raro haver precipitações mesmo nos meses considerados mais húmidos (Agosto, Setembro, Outubro). A par da reduzida precipitação, a ilha do Sal está com frequência sob a influência do Harmatão, vento quente e seco do Leste que, além da “bruma seca”, reduz a humidade.

A evaporação é alta, com valores anuais superiores a 2.000 mm, enquanto que a precipitação não chega aos 100 mm. A aridez é assim a nota dominante da paisagem física e climática da Ilha.

Contudo a reduzida precipitação, a presença de praias abrigadas e de areias claras (provenientes do Sahara), as águas calmas e transparentes nas costas sul e sudoeste e a implantação de um bom aeroporto internacional fazem desta ilha a mais procurada como destino de sol e mar pelo turismo estrangeiro.

A população da Ilha é estimada em cerca de 25.000 habitantes, com uma densidade populacional de cerca 115 habitantes por km<sup>2</sup>, valor próximo da média caboverdiana e semelhante em Portugal. A actividade económica faz acorrer ao Sal caboverdianos de outras ilhas, em procura de trabalho nos sectores da construção e turismo.

O sistema urbano está organizado em quatro pólos essenciais: Espargos, no centro da Ilha, é a capital administrativa e de serviços, e onde se concentra a maioria da população residente; Santa Maria, no sul, é o centro turístico por excelência, onde se concentra a presença hoteleira associada ao produto sol e mar; Murdeira, na baía do mesmo nome a oeste, é um grande empreendimento residencial turístico; Palmeira, também na costa oeste é o porto de entrada de bens transportados por via marítima e importante zona logística da ilha.



O aglomerado de Pedra Lume na costa leste foi outrora importante porto de exportação da matéria prima da ilha e que lhe deu o nome – sal – proveniente da exploração de uma caldeira vulcânica próxima, que é uma salina natural, abaixo do nível médio das águas do mar; actualmente é um importante ponto de visita turística e para onde estão previstos significativos investimentos em área residencial turística.

### 3. Preparação II. Logística

Conhecimentos básicos adquiridos, algumas reuniões depois, combinou-se a data: Julho, depois das avaliações, 18 a 26.

Procuram-se viagens em conta, confirmam-se as adesões, começam os e-mails para a Câmara Municipal do Sal (CMSal), a dar conta da ideia, a solicitar alojamento e se possível refeições, que as deslocações foram por nossa conta, cerca de 400 euros, ida e volta, cada um.

Mobilizam-se pais e mealheiros, vindos de qualquer e de todo o lado arranjam-se os valores para a viagem.

Chegam as respostas da CMSal – que venham e rápido, são bem-vindos, arranjam comida e dormida, estamos a ver o que é mais útil que façam.

Últimos encontros na FA, dúvidas mais ou menos esclarecidas, vistos tratados, Cabo Verde é já ali, a 3h30 de avião e sem vacinas. Encontramo-nos no aeroporto dia 18 de Julho. Para alguns a primeira viagem aérea aguarda-os.

Briefing final e recomendação básica: “european mode: off” / “african mode: on”.



#### 4. Chegada e Primeiras Impressões

Sexta, 18, Julho, 2008: OK, chegou tudo e bem; “uau”, afinal é mais castanho que esperava, parece um bocado desértico, esperamos que nos devam vir buscar, aí estão, viva, gosto em conhecê-los, que bom que viveram, “Tei, cumé, tudu dretu?” Malas atrás na caixa aberta, a casa é já ali, é um posto antigo da tropa, chamam-lhe “casa de passagem”, só o Comandante mora numa casa ao lado, tudo bom.

“Rapazes aqui”, “meninas ficamos ali”, “uma casa de banho para vocês, outra para nós”, “esta não tem água”, “esta pouca”, “o autoclismo como é?”

Vamos que o Presidente espera-nos, a Câmara é mesmo em frente. Agradáveis e sentidas boas-vindas, enquadramento para o trabalho:

- INE de CV estimava 17500 habitantes no Sal em 2010, mas já existirão 30000 agora;
- crescimento populacional da Ilha é de 10% ao ano, muito por causa dos equipamentos turísticos existentes, para disfrutar do produto “sol-e-mar” e apoiado no Aeroporto Internacional Amílcar Cabral;
- desemprego é de cerca 7% no Sal, que compara com um valor médio em CV de 30%;
- destes factos resultam cargas humanas muito elevadas nos sistemas



infraestruturais e urbanos; por outro lado o crescimento populacional cria problemas dos bairros de lata coroa norte;

- desafio é assim ajudar a transformar o tal “deserto” em zonas funcionais e agradáveis, de dimensão e características urbanas, com boas acessibilidades, dotados de espaços de encontro e zonas verdes.

“Briefing” claro e desafiante das nossas capacidades. Saímos, a cabeça a ferver de interesse e vontade de trabalhar num contexto tão diferente; o que se aprendeu até agora na Faculdade vai ser posto à prova.

Regressamos a casa, definimos as regras básicas de convivência no nosso lar temporário, o “Condomínio Caldo Verde”; reunião cá fora, 26 numa roda, por baixo das Prosopis; logística do trabalho afinada: grupos organizados, 5x5, cada um com elemento de ligação único, cartão telefónico local, para quem se liga e que depois liga aos seus (a lógica militar da rede que funciona sempre).

Primeiro jantar; agradável surpresa de perceber que vamos comer todos os dias nas instalações da 2ª Região Militar, Quartel de Artilharia do Sal; somos recebidos pelo Comandante, 2º- Comandante e restante equipa. Os nosso jovens civis sentem-se em casa.

Após um excelente jantar, regressámos ao “Caldo Verde” para dormir; sacos-cama, em vigília com as omnipresentes baratas. Noite descansada, não fosse o ressonar de um ou outro.



## 5. Breve Diário de dias intensos

Sábado, 19, Julho, 2008: visita com arquitectos da CMSal aos aglomerados mais relevantes da Ilha: Espargos (capital, centro de serviços, área habitacional formal e informal), Santa Maria (área habitacional e principal área turística hoteleira), Murdeira (área turística residencial), Palmeira (aldeia piscatória e porto logístico) e Pedra-Lume (primeira área de extracção salineira da ilha, numa situação única – dentro da cratera de um vulcão – e que deu origem ao nome actual da mesma; anteriormente à exploração de sal era conhecida como “lhana”, dada a pouca altura de relevos).

Domingo, 20, Julho, 2008: reunião de condomínio, trabalho em casa, ida à praia de Santa Maria, campeonato (Cabo Verde – Portugal) informal de saltos do pontão para o mar, estupendo jantar em Santa Maria para celebrar a honrosa derrota, regresso a Espargos no único transporte público nocturno: “hiace”.

Segunda, 21, Julho, 2008: de manhã o trabalho começa: reunião com o Director Técnico da CMSal, Arq. Isidro Évora, referência fulcral em todo o processo: 5 grupos, 5 trabalhos – Centro Histórico de Espargos, Centro Cívico de Espargos, Bairros Sociais de Espargos, Eixo Principal e Centro Histórico de Santa Maria, Centro Histórico de Palmeira – sorteados em cerimónia digna, cada trabalho com técnico municipal responsável pelo acompanhamento, tudo perfeito, bom trabalho, agora é a sério. Grupos em separado agora, cada uma para sua área de intervenção, levantamentos e reconhecimentos. Para descontrair um pouco de música à noite.



Terça, 22, Julho, 2008: Total surpresa: chuva intensa durante todo o dia, inundações na Ilha, em particular em Sta. Maria e Espargos; deve ter chovido pelos últimos 10 anos de seca. Trabalho nas instalações da CMSal, projectos em grande desenvolvimento conceptual. Infelizmente uma baixa por infecção gástrica a necessitar de internamento na Delegacia de Saúde. À noite outro programa: jogo de basquete feminino com equipa local, perdemos meritoriamente por 90-6. Com a chuvada o Condomínio inundou, passamos para Hotel Atlântico, ao lado, mas seco.

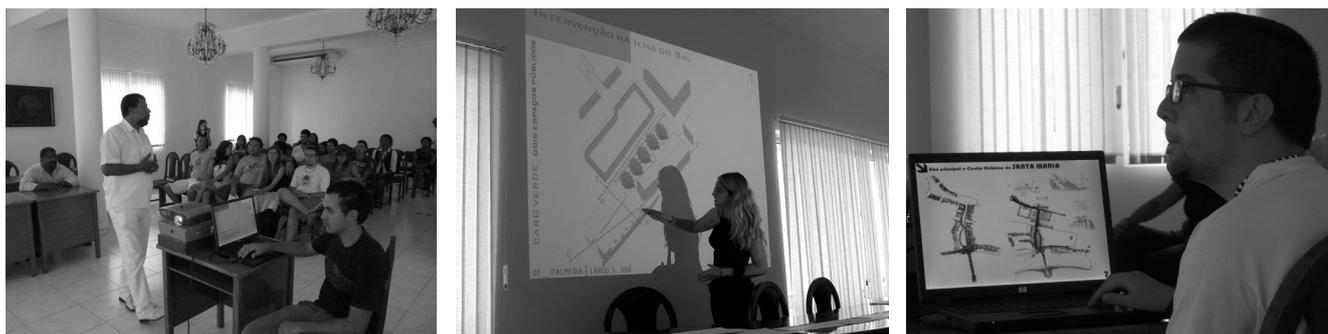
Quarta, 23, Julho, 2008: tempo melhora mas mantém-se instável; continua o trabalho dos grupos em grande iempenho e entusiasmo; à noite metade do grupo sai devidamente acompanhado pelo Dr. Euclides para ver tartarugas a desovar nas praias.

Quinta, 24, Julho, 2008: finalmente "alta" clínica ao amigo internado e canjas no Hotel; os trabalhos começam a ganhar forma, é preciso terminar amanhã, trabalha-se pela noite dentro, mas ainda com tempo para a outra metade do grupo tentar ver as tartarugas, sempre com as explicações e acompanhamento do excelente biólogo local.



Sexta, 25, Julho, 2008: o grande dia das apresentações chegou, estão marcadas para meio da tarde. A azáfama de terminar é a normal, abençoados “treinos” da FA. Chegou a hora: Sala da Assembleia Municipal (AM), Presidentes da CMSal e AM em mesa solene, Vereação e outros convidados a assistir, o momento é de expectativa e responsabilidade. Um a um, apresentação em PowerPoint, todos os grupos ouvem palmas. Os trabalhos correspondem ao pretendido, ultrapassam mesmo, são dados parabéns, diplomas e lembranças; surge o convite por parte do Presidente da CMSal: desenvolver os trabalhos em próxima sessão de trabalho a seguir às férias, são úteis e importantes, a Autarquia querera implementá-los. Agradecemos, a emoção é sentida. Jantamos pela última vez no Quartel onde tão bem tratados também fomos, deixamos os maiores agradecimentos e uma bandeira portuguesa, havemos de voltar. Agora vamos, o voo espera-nos.

Sábado, 26, Julho, 2008: chegamos pela manhã após um calmo voo nocturno; reencontramos as famílias, não vamos esquecer esta semana, demos boa conta de nós e do trabalho; boas férias, até breve, já temos “sôdades”...



## 6. Agora Outros Olhares. Impressões pessoais de Alunos participantes

Ana Sofia Matos, MIAPUT

Este projecto coordenado pelo Professor Jorge Cancela e Câmara Municipal do Sal, teve como objectivo, criar alguns projectos de Habitação e Espaços Públicos, pelos alunos do 3º ano (2007/2008) de APUT e AGU, que voluntariamente se disponibilizaram a participar neste evento.

O trabalho foi distribuído por grupos, em que cada um destes trabalhava numa zona distinta (Espargos, Palmeira e Sta. Maria).

Foram efectuadas análises e estudos que originaram propostas de projectos, tanto a nível de edificados como a nível de espaços públicos, atendendo sempre ao existente e aos hábitos do dia a dia da população, numa procura de ganhos sócio-económicos.

Para nós, enquanto estudantes, foi bastante gratificante este Projecto, adquirimos conhecimentos baseados numa percepção real, que é diferente de quando realizamos um projecto de vertente académica como aqueles que se efectuam ao longo do ano lectivo na faculdade. O depararmo-nos com a própria realidade, levou-nos a ter que ultrapassar alguns obstáculos e encontrar soluções enquadráveis com as necessidades e ambições da população. Como suporte ao trabalho desenvolvido, pudemos contar com a preciosa colaboração e apoio dos Arq. da CMSal (Lino, Katya e Isidro ), a Geografa ( Dóris ) e claro a coordenação e ensino dada pelo Prof. Arq. Jorge Cancela. Estas colaborações e apoios constante, permitiram que as opções tomadas fossem orientadas para os interesses da CMSal.

Pode-se afirmar que esta foi uma experiência que inesquecível, pois pudemos aplicar toda a aprendizagem formativa adquirida na Faculdade, mas com um grau de exigência de ambiente de trabalho bastante elevado, face às dificuldades de meios e ambiente em que nos encontrávamos.

Cabo Verde é um conjunto de diversas ilhas, nas quais a Ilha do Sal foi onde trabalhamos, é uma ilha muito bonita, mas ao mesmo tempo uma ilha seca (dificilmente se encontra uma árvore), com bastante calor e com uma população pobre. A via principal para circulação na ilha, é uma estrada que liga Sta. Maria – Espargos – Pedra Lume.



Realça-se o facto de já haver bastantes construções de Resort's junto à zona Turística de Sta. Maria. Este tipo de empreendimentos desenvolvem o turismo na ilha, permitindo ganhos financeiros para sustento da população. As restantes zonas da ilha são bastante diferentes e bem mais necessitadas de desenvolvimento. Grande parte das casas são construídas pelos próprios proprietários, tijolo em cima de tijolo, sem infraestruturas de saneamento básico (electricidade, água, gás e esgotos). Existem ainda zonas mais carenciadas do que estas, denominados Bairros de Lata. Estes bairros que se vão formando, não têm definição correcta de ruas e passeios.

Contudo o nosso grande objectivo era apresentar propostas de projectos que permitissem a prazo corrigir as deficiências detectadas, dando a esta ilha o nosso melhor no estabelecimento de melhores condições de vida à sua população.

Aproveito para agradecer, em nome de todos, ao Prof. Jorge Cancela e à CMSal.

#### Vera Portugal, MIAGU

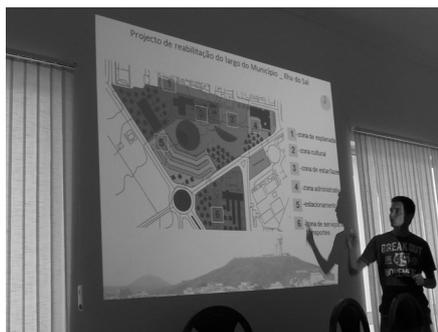
Ao longo de quatro anos de licenciatura, o projecto Cabo Verde revelou-se numa das experiências mais enriquecedoras. Se por um lado, nos proporcionou um primeiro contacto com o mundo real, esta viagem permitiu-nos, por outro, descobrir uma outra realidade, bastante díspare daquela em que vivemos.

Confesso que nos primeiros dias, me senti alienada daquele lugar. Apesar de partilharmos a mesma língua, os contrastes entre Portugal e a Ilha do Sal eram bastante fortes. Antes de iniciarmos os trabalhos era necessário perceber que durante uma semana estaríamos numa realidade nova com exigências e carências bastante distintas.

Apesar de viver essencialmente do, e para, o Turismo, fruto do clima e das maravilhosas praias, a Ilha do Sal apresenta carências profundas ao nível de infra-estruturas básicas.

São visíveis os contrastes dentro da ilha. Dada a sua proximidade ao mar, Santa Maria desenha um futuro dirigido para o Turismo, e conseqüentemente, apresenta forte especulação de privados que projectam a construção de inúmeros resorts.

As restantes povoações – Espargos e Palmeiras, possuem fortes carências - infra-estruturas básicas, educativas e de saúde entre tantas outras.



O nosso contributo destinava-se a projectar espaços públicos de qualidade numa tentativa de diluir as disparidades entre o ambiente, fantástico envolvente aos resorts, e a verdadeira ilha.

#### Mauro Pereira, MIAGU

No passado Verão de 2008, o Professor Jorge Cancela lançou o desafio, na altura, aos seus alunos de terceiro ano de Arquitectura de Gestão Urbanística, de passarem um Verão diferente. Aquilo que nos propunha era uma viagem a Cabo Verde, à Ilha do Sal, a fazer aquilo a que há já 3 anos nos andávamos a preparar.

Depois do primeiro repto, as coisas foram-se organizando sempre de uma forma calma, mas organizada, num modo não tão europeu, mas sim em *african mode*, ou seja, “sim, as coisas irão acontecer mas como, logo se verá”. Não foi nada que não nos deixasse inquietos, mas lá fomos depois de todas as burocracias e precauções médicas.

Após uma viagem tranquila de cerca de 3h, o aterrar foi o espanto de muitos: a imagem aérea de um solo árido e mais desértico que paradisíaco. Depois de aterrarmos fomos acolhidos pelo *staff* da Câmara Municipal da Ilha do Sal, o que logo mostrou que iria ser fundamental o seu apoio para o que iríamos ali fazer, que, verdade seja dita, nenhum de nós sabia ao certo.

A hospitalidade e apoio foram mais uma vez expressos pelo Presidente da Câmara que numa exposição nos apresentou a equipa técnica da Câmara e falou um pouco daquilo que esperava de nós. Para mim foi a primeira vez que senti, *in loco*, o poder e a responsabilidade das minhas acções como profissional.

O passeio pela ilha foi fantástico. O clima é óptimo e Cabo Verde possui umas praias e uma paisagem fabulosas. É uma realidade completamente diferente daquela a que estamos habituados, o que tornava ainda mais aliciante o desafio que tínhamos pela frente.

Após esse primeiro dia de reconhecimento do terreno e das várias realidades (a zona das praias, o centro da vila, as salinas, entre vários outros locais) começou o trabalho árduo. Um trabalho tão estimulante como complexo, com características completamente diferentes das que estamos habituados.



Essa semana passou-se de uma forma alucinante e a um ritmo incrivelmente rápido, já que eram muitas as requisições que a área pedia e muitos os projectos necessários. Posso dizer que nunca, em três anos de aprendizagem, tinha trabalhado tanto em tão pouco tempo. As visitas aos locais de intervenção acabam por ser um pretexto e uma forma de viver a ilha. Todas as pessoas com quem nos cruzámos ao longo dessa semana foram de uma grande simpatia e hospitalidade. Viam em nós mais que estudantes em férias: viam, sim, profissionais competentes que ali estavam para dar o seu contributo para a melhoria da ilha onde vivem.

Uma experiência sem dúvida única, mais do que a repetir, a servir de exemplo para a nossa comunidade académica, como forma de contacto com o mundo de trabalho e como experiência em novas realidades. Sinto-me um afortunado por ter tido esta oportunidade. Espero que os meus colegas dos anos seguintes tenham a mesma oportunidade e a saibam aproveitar.

Luís Pereira, MIAGU

A acção de voluntariado de urbanismo e espaço público na ilha do Sal em Cabo Verde foi uma excelente iniciativa por parte do Professor Jorge Cancela em parceria com a Câmara Municipal do Sal. As pessoas receberam-nos de braços abertos demonstrando grande entusiasmo pela nossa presença, o que por sua vez foi retribuído da nossa parte.

Foi uma grande experiência profissional, pessoal e académica porque pela primeira vez teve-se contacto com uma realidade diferente da que se está habituado na Faculdade, pois trabalhou-se com situações reais tentando resolver os problemas existentes numa atitude de melhorar a qualidade de vida dos habitantes, mas também por tornar os diferentes pontos de intervenção mais aprazíveis aos turistas. Numa primeira fase deu-se uma pequena volta pela ilha do Sal como forma de conhecer os vários locais onde iriam ocorrer as intervenções mas também para conhecer a ilha. Após esta visita iniciou-se o período de trabalho onde nos dedicámos ao máximo para apresentar a melhor solução para cada local.

No final penso que se conseguiu demonstrar resultados satisfatórios após a semana de trabalho, onde as pessoas da Câmara Municipal se mostraram extremamente entusiasmadas durante esta semana mas também com as soluções apresentadas por cada subgrupo na apresentação. Esta seria uma experiência a repetir, não só para a finalização do trabalho desenvolvido anteriormente, mas também para possíveis intervenções a desenvolver.

## **7. Conclusão. Outras Semanas**

Face ao interesse que a iniciativa teve para alunos, docentes e entidades de acolhimento, parece a mesma ser uma interessante forma de complementar a educação formal, através da imersão voluntária em novas realidades geográficas, sociais e económicas.

Neste sentido e constatando que muitas Universidades nacionais e estrangeiras têm já estruturas de voluntariado universitário a funcionar com sucesso - e também como forma importante de aumento de exposição externa das competências dos alunos - parece-nos interessante que se possa na FA UTL criar uma estrutura semelhante (tipo Oficina de Voluntariado), necessariamente "leve", de mínimo formalismo, mas presente como oferta complementar de formação técnica e humana da instituição.

E outras semanas, como a que aqui demos breve nota, se seguirão certamente.

## **Agradecimentos, Sentidos**

- > Presidente da Câmara Municipal do Sal (C.M.Sal), Dr. Jorge Figueiredo
- > Vereador de Saneamento e Ambiente, Sr. Antero Alfama
- > Vereador da Juventude, Dr. Gilson
- > Gabinete de Ambiente da C.M.Sal, Dr. Euclides
- > Director Gabinete Técnico C.M.Sal, Arq. Isidro Évora
- > Equipa do Gabinete Técnico C.M.Sal, Eng. Carmen, Dra. Doris, Arq. Katya Ramos, Arq. Georgina Rodrigues, Arq. Lino, Madalena Fonseca
- > Comandante da 2ª Região Militar, Major Jorge Rodrigues e todo o pessoal daquela Unidade
- > Hotel Atlântico
- > Dr. Helder Pereira e todo o pessoal da Delegacia de Saúde do Sal
- > Sr. Miguel Carneiro, Barracuda Tours
- > Prof. Doutor Leonel Fadigas, FA/UTL
- > Todos os Salenses de quem não sabemos o nome, mas recordamos a ajuda, participação e sorriso.